

# A voz que resiste pela terra: Odete Semedo e a poética da dor, memória, revolta

Israela Rana de Araújo Lacerda\*

Isaque da Silva Moraes\*\*

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne\*\*\*

## Resumo

Com a geração chamada por Ferreira (1977) de Novos ou Novíssimos, pairou, sobre as temáticas poéticas guineenses, a força dos textos que falavam sobre resistência e o desejo de um sentimento definidor dos seus ideais literários, incluindo, embora com presença gradativa, a figura da mulher na poesia. Com isso, a poeta, política e professora Maria Odete da Costa Soares Semedo é uma das principais escritoras de Guiné-Bissau, sendo considerada a principal poeta de sua geração. Neste estudo, aborda-se o poema “Perdidos, desnorreados”, de Odete Semedo, publicado no livro *No fundo do canto* (2007), que se configura como uma sequência narrativa, repleta de símbolos, confissões, guerras, elementos culturais e históricos claramente localizados em Guiné-Bissau. A partir da lírica de Semedo (2007), focaliza-se a preocupação social, objetivando identificar como a voz feminina da escritora, através do eulírico, denuncia, com uso dos aspectos estilísticos e literários, os processos conflitantes, colonizatórios e de resistência que compõem a identidade do povo guineense, logo, consolidando, também, as vozes das mulheres na poética do país. Dessa maneira, algumas considerações serão desenvolvidas, embasadas pelas tessituras teóricas de Ferreira (2017),

---

\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduanda em Letras – Língua Portuguesa. ORCID: 0000-0002-7798-8374..

\*\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestrando em Letras (PPGL/UFPB). ORCID: 0000-0001-5819-4010.

\*\*\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora em Letras (UFPE), Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV/UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). ORCID: 0000-0002-7682-102X.

Melo (2020), Moraes e Costa (2018), Moreira e Fonseca (2017), entre outros. Assim, vale salientar que as considerações aqui propostas não findam as manifestações e/ou experiências que cada indivíduo pode perceber/realizar ao se deparar com o objeto literário, mas sim proporcionam uma leitura de nossa experiência, dialogada com a cosmovisão de África que se realiza em suas literaturas.

Palavras-chave: autoria feminina; literatura africana; Odete Semedo.

## Voice that resists for the earth: Odete Semedo and the poethy of pain, memory, and revolt

### Abstract

With the generation named by Ferreira (1977) as *Novos or Novíssimos*, the strength of the texts that talked about resistance and the desire for a defining feeling of their literary ideals hovered over Guinean poetic themes, including, although with a gradual presence, the figure of women in poetry. Thus, poet, politician and teacher Maria Odete da Costa Soares Semedo is one of the main writers in Guinea-Bissau, being considered the main poet of her generation. That said, in this study we will glimpse the poem “Perdidos, desnorteados” by Odete Semedo, published in the book *No fundo do canto* (2007) which is configured as a narrative sequence, full of symbols, confessions, wars, cultural and historical elements clearly located in Guinea- Bissau. Based on Semedo’s lyrics (2007), we will glimpse the social concern in order to identify how the female voice of the writer, through the lyrical self, denounces, using stylistic and literary aspects, the conflicting, colonizing and resistance processes that they make up the identity of the Guinean people, therefore, also consolidating the voices of

women in the country's poetics. Thus, we will make some considerations based on the theoretical framework of Ferreira (2017), Melo (2020), Moraes and Costa (2018), Moreira and Fonseca (2017) among others. Thus, it is worth noting that the considerations proposed here do not end the manifestations and/or experiences that each individual can perceive/perceive when faced with the literary object, but rather provide a reading of our experience, dialoguing with the cosmovision of Africa that takes place in their literatures.

Keywords: female authorship; african literature; Odete Semedo.

Recebido em: 24/11/2021 // Aceito em: 19/04/2023

## 1 Introdução

Guiné-Bissau, colônia de Portugal desde o século XV, conquistou sua independência unilateralmente em 1973. Tornou-se a República da Guiné-Bissau somente em 1974, quando foi reconhecida por Portugal como a primeira colônia independente no continente africano. O país está localizado na costa ocidental do continente africano e, além da extensão territorial continental, é composto também por cerca de 80 ilhas que formam o arquipélago de Bijagós. Considerando que o português é a língua oficial, Guiné-Bissau faz parte da Conjuntura dos Cinco, juntamente com Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola.

Com a geração chamada, por Ferreira (1977), de Novos ou Novíssimos, pairou sobre as temáticas poéticas guineenses a força dos textos que falavam sobre resistências e, como afirma Fonseca (2008), do desejo de um sentimento definidor dos seus ideais literários, incluindo, embora com presença gradativa, a figura da mulher na poesia. No que concerne à literatura guineense, ela é a reflexão da emancipação e do estado emocional de seu povo. Na contemporaneidade, a literatura está intrinsecamente ligada “aos anseios e preocupações da elite intelectual urbana, inconformada com a situação política e social do país [...]”. (FONSECA; MOREIRA, 2017). Dentre seus escritores, destaca-se Abdulai Sila, considerado o fundador da literatura guineense, seus escritos carregam um caráter de denúncia acerca dos problemas que assola(ra)m sua terra. Além de Sila, Filinto de Barros também “levanta a voz e denuncia” (FONSECA; MOREIRA, 2017), contribuindo para uma urgente reinterpretação da história de Guiné-Bissau.

Uma das primeiras antologias poéticas de Guiné-Bissau, segundo Fonseca (2008), foi publicada em 1990, pelo Centro Cultural Português em Bissau e pela União dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau. A poesia guineense, por sua vez, tem como marco inicial a publicação de *Mantenhias para quem luta!* — a nova poesia de Guiné-Bissau (1977), uma pequena antologia com jovens poetas (entre 19 e 30 anos). Não implica dizer, então, que não houve poesia anterior ao período de publicação da antologia, mas que suas expressões não fincaram raízes.

Diante disso, é válido ressaltar que, além da língua portuguesa, no país, também se fala o dialeto crioulo, e a poesia se manifesta nessas duas vertentes. Segundo as pesquisas de Ferreira (1977), alguns poetas que se destacam no cenário literário do país são: Agnelo Augusto Regalla, Costa Andrade e Henrique Guerra, no tema do assimilado; Antônio Cabral, no tema da constância revolucionária; Hélder Proença, no tema da identidade poeta-povo; como também Antônio Sérgio Maria Davyes, Jorge Ampla e Kôte Norberto e Tomás Paquete, no tema da denúncia e acusação. Essa poesia “nasce em pleno período da luta armada ou então já no período pós-libertação nacional”. (FERREIRA, 1977, p. 89). No entanto, a grande revolução lírica ocorre com Odete Semedo, poetisa contemporânea que deu corpo à poética guineense.

A poeta, política e professora Maria Odete da Costa Soares Semedo é uma das principais escritoras da Guiné-Bissau, sendo considerada a principal poeta de sua geração. Em seu país, seus principais cargos no meio político foram o de Ministra da Educação Nacional (1997-1999) e Ministra da Saúde (2004-2005). No que concerne à literatura, suas obras publicadas

são: *Entre o ser e o amar* (1996), *Histórias e passadas que ouvi contar* (2003), *No fundo do canto* (2007), *Guiné-Bissau: história, cultura, sociedade e literatura* (2010) e *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história* (2011).

Posto isso, neste estudo, vislumbraremos o poema “Perdidos, desnorteados”, de Odete Semedo, publicado no livro *No fundo do canto* (2007), que, *conforme Bispo* (2019), *essa coletânea* se configura como uma sequência narrativa, repleta de símbolos, elementos culturais e históricos claramente localizados na Guiné-Bissau, para ele: “não é uma tentativa de ficcionalizar a guerra civil ocorrida entre 1998 e 1999, mas se configura como uma espécie de poema narrativo mítico em que anunciadores, sejam poetas, mensageiros ou profetas, anunciam uma maldição, que se concretiza”. (BISPO, 2019, p. 93).

Odete é uma das poetisas mais consagradas de sua contemporaneidade, evidenciando, em seus versos, o caráter confessional da poesia guineense, sua escrita tem função de fixar a memória oral e a herança ancestral. Inferimos que a poetisa apresenta um projeto literário e de investigação cujo objetivo é o de garantir a transmissão às novas e futuras gerações das tradições dos povos que formam a Guiné-Bissau. A análise aqui apresentada objetiva estabelecer uma relação entre dor, memória e coletividade, demonstrando como os três elementos, presentes na poética de Semedo, através de construções simbólico-estilísticas, contribuem para as metáforas do desabafo de uma voz que grita e ecoa.

Dessa maneira, faremos algumas considerações embasados pelas tessituras teóricas de Ferreira (1977), Melo (2020), Moraes e Costa (2018), Fonseca e Moreira (2017), entre outros. A partir da lírica de Semedo (2007), vislumbraremos a preocupação

social, retomando temas caros à sociedade guineense, como guerra, natureza e ancestralidade, relação com o colonizador, valores humanistas para construção de uma literatura nacional, consolidando também as vozes femininas na poética do país. Assim, vale salientar que as considerações aqui propostas não findam as manifestações e/ou experiências que cada indivíduo pode perceber/realizar ao se deparar com o objeto literário, mas sim proporciona uma leitura de nossa experiência, dialogada com a cosmovisão de África que se realiza em suas literaturas.

## **2 Resistência em forma de verso: a literatura “semediana” em voz**

Perdidos, desnorteados  
Decapitado  
o meu corpo rola  
e deambula pelo mundo  
os meus membros se entrelaçaram  
buscando protecção fora do tempo

O meu tronco sangrando quieto  
prostrado  
numa terra sem chão  
lembra uma rês  
abatida

A minha cabeça  
o meu corpo desbaratado  
os meus membros entrelaçados  
minha Guiné  
minha terra  
porra...  
rolam... rolam e deambulam

em movimentos incertos  
(SEMEDO, 2007, p.75).

A coletânea de poemas *No fundo do canto* (2007), o principal expoente poético da autora, em que se destacam traços de memória, identidade e resistência, “traz à tona os traumas, medos e tristezas decorrentes da guerra que colocou muitos cidadãos em situação de diáspora forçada, bem como ocasionou muitas mortes.” (MELO, 2019, p. 64). Na obra, a escritora faz referência a um trágico momento da história guineense, no qual, em decorrência de várias crises políticas, que geraram imensa insatisfação popular, ocorreu uma rebelião militar contra o Presidente da República da época.

“Perdidos, desnorteados” é um dos poemas da coletânea, que coloca no palco a questão da crise de identidade de um povo. Nele é possível perceber o caráter engajado, militante e confessional da poesia de Odete Semedo. Na primeira estrofe, o eu-lírico desvela a fragmentação deste(s) sujeito(s) e o dilaceramento de seu corpo, que “rola” através dos versos, em um movimento crescente da extensão dos versos e da métrica. Aqui é válido salientar que a poética dos povos africanos de língua portuguesa traduz esse sentimento de um *eu-nós*, uma voz que fala de si e representa a todos, remetendo à arte da escrivência de que trata a escritora mineira Conceição Evaristo. Por meio dos versos “Perdidos, desnorteados/decapitado/o meu corpo rola”, são transpostos os efeitos da guerra civil (1998-1999) que ocorreu na Guiné-Bissau. Assim, esse(s) corpo(s), tendo a cabeça decapitada, rola(m) por ser(em) não apenas uma metáfora da violência, mas também a marca de um corpo sem memória, de uma consciência identitária de um povo que foi violentamente ceifada, por isso esse corpo agora “deambula pelo mundo”, ou seja, na incerteza de si mesmo e de sua pátria.

O tom do poema é de angústia, reverberando um eu-lírico que, aparentemente, está sem norte. O mais interessante é que esse eu-lírico usa o plural, “perdidos”, “desnorteados”, isso mostra que ele possui uma consciência coletiva, ou melhor, que representa um povo e se (re)conhece nele, uma das marcas da poética da autora, e mesmo isso é típico da literatura guineense, como aponta a pesquisadora Melo:

Ao assumir uma posição engajada, Odete Semedo converte sua poesia em manifesto poético que busca exortar todos os guineenses, a partir do apelo nacional, à resistência frente aos conflitos que têm atingido o país. Ao tematizar o conflito, Semedo utiliza sua poesia como forma de resgatar e reviver memórias, de modo a criar uma marca de resistência que impeça o passado de se transformar numa ameaça futura. (MELO, 2020, p. 90).

Observamos também, por outra perspectiva, que os desnorteados podem representar o sujeito que tenta falar sobre o país, usando da literatura como sua força e “arma”, todavia não consegue, porque não possui o meio, o estímulo e/ou é impedido de realizar tal ato. Como já mencionado acima e conforme Moraes e Costa (2018), Guiné Bissau foi, durante muito tempo, um centro de comércio escravagista relegado a segundo plano pelo domínio português, o que fez com que a educação e a alfabetização em língua portuguesa, na colônia, fossem amplamente negligenciadas. Essa operação sistemática de displicência com o país justifica, portanto, o surgimento tardio de uma literatura guineense consolidada. Logo, o “perdido” sujeito teve que resistir perante todo esse processo sócio-histórico para tornar Guiné em lírica e versos.

O primeiro verso é constituído de apenas uma palavra: “decapitado”. Identifica-se, na singularidade desse vocábulo,

uma metonímia de um coletivo que se integra em um só ser, que toma as dores desse povo e sente a carga, a ferida e o corte dessa consciência. A construção desse verso com apenas um vocábulo revela também o isolamento e abandono desse corpo plural, “decapitado”, do povo guineense. Podemos lembrar do que Abdala chama de “ser o seu povo”: “Esses poetas engajados lograram êxito ao produzirem sua literatura dentro do ‘campo intelectual descolonizado’, mas a questão principal é que eles não produziram para públicos colonizados, mas para o que **eles entendiam ser o seu povo.**” (ABDALA JÚNIOR, 2007, p. 101, grifo nosso).

No verso seguinte, “O meu corpo rola”, temos uma metáfora da objetificação do africano mediante a colonização e seus efeitos: a colonialidade. Esse corpo que “rolou”, nas mãos dos colonizadores, foi espancado, abusado, explorado, desrespeitado e sobreviveu a lutas armadas nas guerras etc. Melo (2020) já confirma isso quando diz que os “poetas guineenses nos convidam a percorrer os caminhos da dor da guerra, o chão poeirento do desespero, o desassossego de dias de morte, numa aproximação da narrativa literária com a narrativa histórica”. (MELO, 2020, p. 89).

Seguindo nossa análise, os versos “e deambula pelo mundo/ os meus membros se entrelaçaram” reafirmam o reconhecimento de um sujeito/povo que não vê destino. O verbo deambular, que significa andar sem rumo certo; caminhar sem destino; passear sem direção determinada, escancara esse eu coletivo que foi tão tateado e subjugado que não se encontra mais. Entretanto, sua única maneira de (re)conhecer-se seria no seu próprio ambiente, no seu próprio povo, visto que, quando ele cita: os “membros que se entrelaçam”, representa, então, uma metáfora do abraçar e do

enlaçar do povo africano, que se junta para cuidar um do outro, para reexistir à colonização, (re)existir às guerras, ao genocídio de sua etnia e cultura, ou até mesmo que se entrelaçam para fazer frente à dificuldade de disseminação de sua literatura.

Uma outra visão desses membros entrelaçados pode também ser compreendida como uma espécie de metáfora do retorno à posição fetal, ou seja, retorno a um lugar/espço de segurança que estaria fora do tempo atual, em um tempo pré-intrusão colonial. Assim como a “Mãe” que protege o sujeito, pode ser entendida como uma metáfora da própria terra, sendo uma busca de proteção no entrelaçamento do próprio povo, na união de um povo que luta pela sua terra e que quer se sentir protegido nela, pela ancestralidade. Esses membros que restam tentam se aglutinar, buscando um retorno à integridade perdida, “assim, há uma intencional tentativa de preservação da memória ancestral oral, bem como seus elementos de crença, costumes, hábitos e cultura”. (BISPO, 2019, p. 104).

O último verso da estrofe pode confirmar esse ponto de “buscando protecção fora do tempo”. Vê-se ainda a expressão “fora do tempo”, que reflete o transcendental da obra, o caráter divino, corrobora a ideia de o eu-lírico buscar força na sua matriz africana, seus deuses, seus costumes, suas crenças, suas ancestralidades, buscar protecção e ancoragem nas suas raízes para suportar sua fragmentação metafórica, psicossocial e física. A segunda estrofe do poema faz visualmente o movimento inverso da primeira, dispondo os versos de forma decrescente, ao descrever agora o tronco desse corpo decapitado, com o adjetivo “quieto”, diferentemente do restante do corpo que rola.

Vislumbra-se então uma metáfora do tronco de açoite, do próprio tronco do africano que sofre o corte do chicote, ou, em

última instância, o tronco da arma que fere o sujeito guineense nas guerras e lutas. Os troncos são um só. Como também, o corpo que sangra e não pode gritar, nem se manifestar, precisa ficar calado e omissivo. Isso representa todo o histórico escravista do povo guineense. O eu-lírico expõe, através da alegoria do tronco, a denúncia da “acusação que tem como alvo imediato o colonialismo, a longa era da escravidão, feita de dor e lágrimas” (FERREIRA, 1977, p. 89). Ao mesmo tempo em que essa dor é traduzida pelos versos, eles também representam um mecanismo de narrar a história, de denunciá-la e demonstrar resistência, pois essas vozes ainda podem ser ouvidas através do poema. Logo após, encontramos-nos, novamente, com esse sujeito: “prostado”, isto é, que se prostrou a algo ou alguém, a partir dessa palavra, podemos construir em nossa mente a personificação de uma figura “ajoelhada”, em total submissão. Seria esse o povo guineense abatido perante a colonização e as guerras? Nos versos seguintes da estrofe, lê-se: “numa terra sem chão/lembra uma rês/abatida”.

Ao finalizar a estrofe com o termo “rês abatida”, a associação é nítida com a condição de animal na qual se encontra esse corpo descrito. Uma analogia clara do colonizado, que perde seu “chão”, sua terra, sua identidade quando é “devorado” e “fragmentado” pelo colonizador. Além disso, a própria Guiné-Bissau, que, após todos os conflitos sofridos, encontrou-se, assim como esse corpo do poema, desnorteada, perdida e fragmentada. Odete Semedo, de forma sensível, fala sobre esse devoramento do povo guineense e “[...] resgata as memórias dos conflitos mais cruéis, algo que trouxe além de muita instabilidade política, um deslocamento das identidades do povo local”. (MORAES; COSTA, 2018, p. 101).

Relevante observar o emprego de dois versos constituídos de um só vocábulo: “prostrado”, no segundo verso, e “abatida”, encerrando a estrofe. Os participípios/adjetivos “prostrado” e “abatida” descrevem o tronco com a mesma força emotiva do termo “decapitado”, que inicia a primeira estrofe, expressando a ação do outro colonizador sofrida pelo corpo/nação colonizado/a.

A terceira e última reúne agora a descrição do corpo dilacerado (cabeça, tronco e membros), em dois movimentos, crescente nos três primeiros versos e decrescente nos três últimos, expressando talvez a dicotomia colonizador/colonizado, sujeito agente/sujeito passivo da colonização. Os versos “A minha cabeça/o meu corpo desbaratado” deixam claro o processo das guerras e da colonização em Guiné, do esquarteramento desse corpo que foi vencido e está destruído, mas, apesar disso, os membros estão entrelaçados. Ressaltamos aqui a ambiguidade da palavra “membro”, que, no contexto, se refere tanto aos membros do corpo humano (braços, pernas...), como também aos membros (população) dessa terra, que estão unidos nesse movimento de entrelaçamento dos membros, de resistência expressa em “um” corpo, que é também “todo” um povo que sofreu e se fraturou e deu seu grito de resistência, como se observa no verso isolado “porra”.

Ademais, os versos em equivalência “minha Guiné/minha terra”, de certa forma, ganham ênfase, demonstrando, pois, a devoção pela terra com o pronome possessivo “minha”, que indica a demarcação de posse do território, seja ele físico ou psicológico, ancestral ou simbólico. O eu que vive esse *looping*, isto é, recebe balas e açoites, porém protege a terra e orgulha-se, para depois desabafar “porra...”, o grito de escárnio e revolta, sendo, portanto, a poesia engajada a melhor maneira de proteger

sua terra. Como afirma Ferreira: “[...] a poesia (a arte), arma dos oprimidos! Voz do povo e de poetas que se reencontrem na exaltação da ÁFRICA, dos chefes revolucionários [...] consciência coletiva, a expressão da libertação, da esperança, de uma colagem ao futuro”. (FERREIRA, 1977, p. 89-90).

O poema de Semedo (2007) termina do mesmo jeito que se inicia, ou seja, seres que deambulam, vagueiam sem rumo certo devido ao arquétipo e construção imposta a eles sócio-historicamente. Ou até, podemos perceber o linguajar chulo, justamente de um eu que está cansado daquela violência e que demonstra a tristeza pela sua terra, seu espaço e de seu povo, cujos corpos (literal e metaforicamente) estão sem rumo, uma tradução da dor coletiva. Por fim, nos últimos versos, “rolam... rolam e deambulam/em movimentos incertos”, encontra-se o que restou daquele eu-nós: “movimentos incertos”, como metalinguisticamente o poema revela, na sua construção de versos sem rumo.

Portanto, ao mergulharmos no poema dessa escritora, acoplamos no olhar uma explosão do corpo colonizado, o corpo perdido, desnordeado, deambulado. A desorganização do corpo que organiza a métrica do poema. A metáfora do corpo sendo fragmentado que representa a fragmentação da terra e também da fragmentação do próprio poema. Assim, ao analisarmos a disposição dos versos, eles também têm uma carga simbólica, a métrica é construída de uma composição fragmentada, isto é, há duas ou três palavras em um verso, depois duas, depois uma, uma palavra acompanhada de reticências, esses três pontos, um após o outro, que deixam o pensamento do leitor em aberto, deixam vazios na mente. Assim como ficou vazio o povo de Guiné e seus corpos cortados, fragmentados e fuzilados, assim como a organização do poema.

O sujeito que tenta escapar da invasão e se libertar, porém, se vê perdido na dor e no grito. Outra figura de linguagem que acentua esse grito de resistência é a aliteração em “r”. A repetição do som, que, ao ser pronunciado, enfaticamente, força a garganta, parece nos lembrar do próprio ato de cortar, o roçar da lâmina na pele, o corte que fragmenta esse ser. Diante disso, usando de linguagem inicialmente filosófica, destoando do palavreado chulo do grito, denota a resistência e o inconformismo de um povo pelo eu poético. O poema impressiona a princípio por sua ousadia, ao mesmo tempo em que demonstra um sujeito cuja identidade foi “decapitada” e que agora se encontra sem rumo.

### 3 Últimas considerações

Em suma, o poema “Perdidos, desnorreados” é um retrato poético, elaborado por Odete Semedo, da violência produzida pela guerra civil e, por conseguinte, seus efeitos fragmentários na identidade de seu povo e de sua terra. Por meio de metáforas que representam e simbolizam a dor, a poesia coloca em evidência como os conflitos que ocorriam na Guiné-Bissau foram deceparadores de sua população, ao mesmo tempo em que, através da poesia, demonstra a resistência do seu povo, revelando-se como fonte histórica da identidade guineense, pois, apesar dos tantos “movimentos incertos”, os membros não deixaram de se entrelaçar.

Observamos que a literatura guineense, embora tardia e em construção, já possui uma carga extremamente simbólica de resistência e de identidade. Sendo assim, demonstramos que uma literatura pós-colonial se configura, entendendo os aspectos sócio-históricos, políticos e culturais que constituem

cada país ex-colônia. Em se tratando da literatura africana de língua portuguesa e, em especial, a guineense, a meta foi traçar bem as peculiaridades que definem de que lugar a poetisa Odete Semedo fala.

Dessa forma, o poema revela um sujeito cuja identidade foi decepada pelo conflito que assola a sua nação e que agora deambula pelos caminhos da incerteza em relação a si mesmo e ao futuro de sua pátria. Além disso, nota-se uma fusão entre o poeta e a matéria do poema, tendo o sujeito poético adotado uma postura testemunhal, que, em essência, traduz seus anseios, ao assumir o controle e se tornar o próprio sujeito da enunciação.

Ao contextualizarmos a situação literária do país, além de inserirmos Odete nesse espaço, procuramos analisar todas as imbricações do poema, pois sua poesia tem um forte teor simbólico de dor, resistência e ancestralidades. Além de destacarmos aspectos estilísticos, métricos, que somam à interpretação do poema. Todo esse caminho tem como objetivo destacar a gama de diversidades e temas que os poetas guineenses, mesmo com dificuldades de fomentos, publicaram na literatura do seu país. Seres esses que resistiram pela literatura, pela história, pela sua pátria e, sobretudo, pelo seu povo e sua identidade.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BISPO, C. Érica. A poesia de Odete Semedo: uma introdução. *Rev. Mulemba*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 90-106, 2019.

FERREIRA, M. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Ed. Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. v. I.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em antologias poéticas. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008. p. 93-130.

FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. *Cadernos Cespuc de Pesquisa, Série Ensaio*, Belo Horizonte, v. 16, p. 13-72, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>. Acesso em: set 2020.

GUINÉ-BISSAU. Unilab. 2020. Disponível em: <http://unilab.edu.br/sao-tome-e-principe>. Acesso em: 17 out. 2020.

MELO, A. C. L. Entre versos de rima e dor: memória, identidade e resistência em *No fundo do canto* de Odete Semedo. *Rev. Caletrosópio*, Ouro Preto, v. 8, n. 1, p. 88-115, 2020.

MORAES, L. C.; COSTA, L. R. O levante da voz feminina às margens do cânone: nacionalismo, identidade e resistência na poética guineense de Odete Semedo. *Rev. Crioula*, São Paulo, n. 21, p. 85-115, 2018.

SEMEDO, O. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.